

Escola Bíblica

Módulo 4 – Discipulado: Colocando a mão na massa!

Aula 19 – Um chamado a obediência

www.ipbarreto.org.br/escola-biblica/



Um chamado a obediência

O último capítulo do sermão do monte é de fato um desfecho impressionante e marcante dado por Jesus, texto tão rico que contém talvez as passagens mais polêmicas do sermão do monte e que frequentemente conduzem a interpretações equivocadas e perigosas.

Jesus aparentemente propõe uma ruptura profunda com o tema que vinha tratando antes – como viver como um filho de Deus que imita o Pai nas práticas de piedade e depende do Pai, buscando o seu reino em primeiro lugar – para iniciar um desfecho no qual começa a mostrar diferenças entre o discípulo do Reino e aqueles que não são. Contudo, podemos ver um link entre os dois capítulos pois após exortar os discípulos a viver intensa e profundamente a vida do Reino Jesus começa por mostrar qual deve ser a atitude do discípulo quando encontra alguém que não vive a mesma vida do Reino e novamente Jesus constrói suas afirmações a partir de uma dura crítica aos escribas.

Jesus está se referindo a atitude de julgamento crítico e impiedoso dos escribas e fariseus quando diz aos seus discípulos para não julgarem (v.1). É claro que este texto não deve ser interpretado no sentido de baixar a guarda de todo discernimento e juízo crítico, pois o próprio Jesus nos chama no próprio contexto a discernir porcos e cães e falsos profetas, como bem chama a atenção Carson,¹ que ainda destaca outras passagens nas quais somos chamados a agir com discernimento (Jo 7.24; 1Co 5.5; Gl 1.8,9; Fp 3.2; 1Jo 4.1).

O Redentor está demonstrando que apesar do discípulo viver em santidade de vida e dependência do Pai – o tema do capítulo anterior – isso não deve levá-lo a nutrir uma atitude de desprezo e crítica agressiva e sem amor pelo seu próximo. Como afirma Tasker: “Aquele crítica ferina deprime aqueles contra os quais é dirigida, e enfraquece, em vez de fortalecer, a sua fibra moral”.² Jesus emenda afirmando que com a mesma dureza que criticarmos o outro seremos julgados e conclama o discípulo a fazer um auto exame antes de examinar o outro (v.3-5). Novamente, o alvo são os líderes judaicos que viam os pecados alheios mas não os seus próprios.

No meio desses comandos, encontramos o difícil verso 6, cujas interpretações são múltiplas. Keener destaca que “porcos e cães eram considerados animais impuros (Pv 26.11; 2 Pe 2.22), sem capacidade alguma de apreciar objetos de valor (Pv 11.22). Porcos, como característica típica, nutriam-se dos alimentos mais vis, e os cães eram carniceiros”.³ O sentido parece estar ligado ao contexto anterior, no qual Jesus fala sobre ajudar a pessoa a enxergar as suas faltas e parece agora cobrar equilíbrio para que o discípulo não invista seu tempo e energia com alguém que está definitivamente endurecido a verdade. Carson relembra a passagem de Provérbios 9.8 : “Não repreenda o zombador, caso contrário ele o odiará; repreenda o sábio, e ele o amará”.⁴

Em seguida, Jesus inicia o famoso trecho no qual fala sobre persistência na oração, o que parece ser novamente uma dramática ruptura com o contexto anterior, mas como bem destaca Carson após Jesus mostrar que o discípulo deve viver como sal da terra e luz do mundo cumprindo a vontade de Deus no mais profundo de seu coração, vivendo uma vida de piedade e dependência sem desprezo e crítica mordaz aos que assim não vivem e discernindo quando se trata de um ouvido ensurdecido, só poderíamos esperar que o

¹ CARSON, D. A.: Matthew. In: GAEBELEIN, F. E. (org.): *The Expositor's Bible Commentary: Matthew, Mark, Luke*. vol. 8. Grand Rapids, MI : Zondervan Publishing House, 1984, p. 183

² TASKER, R.V.G. *Mateus*: Introdução e Comentário. São Paulo: Vida Nova, 1980, p.63

³ KEENER, Craig S. *Comentário Bíblico Atos*: Novo Testamento - Belo Horizonte: Editora Atos, 2004, p.65

⁴ CARSON, D. A.: Matthew. In: GAEBELEIN, F. E. (org.): *The Expositor's Bible Commentary: Matthew, Mark, Luke*. vol. 8. Grand Rapids, MI : Zondervan Publishing House, 1984, p. 185–186

Senhor Jesus nos conduzisse a oração como meio para receber do Pai tanta sabedoria, graça e perseverança para vivermos tal vida.⁵

Jesus aponta a oração como o caminho para se receber do Pai a graça para viver uma vida tão completa, abundante e profunda como discípulos de Jesus. Neste contexto, a interpretação que geralmente se encontra para este texto no sentido de pedir e receber coisas e bênçãos temporais cede espaço para que a oração seja um pedir perseverante para que esta qualidade da vida do Reino se manifeste em nós, de tal maneira que possamos viver o amor expresso no sermão do monte conforme o verso 12: “Assim, em tudo, façam aos outros o que vocês querem que eles lhes façam; pois esta é a Lei e os Profetas”. Olhando por essa perspectiva, este texto se ajusta perfeitamente ao contexto e encerra o bloco dos versos 7 a 11 pois em suma Jesus está colocando a oração como o caminho para podermos viver a lei áurea de amor encerrada no verso 12, que de certa forma amarra de maneira integradora a visão da vida do discípulo até aqui.

Por fim, Jesus encerra o sermão do monte com quatro imagens comparativas que inspiram perseverança, cautela e atenção aos discípulos.⁶ A primeira imagem é referente a dois caminhos: um estreito e um largo. Esta imagem diz respeito a evitar atalhos fáceis e perseverar nos momentos difíceis (v.13-14), enfrentando a oposição e a perseguição que fatalmente vem sobre o discípulo.

A segunda imagem é uma comparação entre duas árvores: árvores boas e más (v.15-20). Jesus afirma que haverá falsos profetas e que é preciso saber distinguir entre falsos e verdadeiros profetas. Mas como fazer esse discernimento? Jesus afirma que árvores boas manifestam sua natureza até certo ponto secreta por meio de seus frutos. Dizendo assim, Jesus deve ter em mente o restante do sermão do monte, no qual a vida do discípulo é retratada como sendo cheia de frutos no sentido de atitudes práticas de amor e abnegação, de piedade, generosidade e santidade. Jesus está chamando-nos a fazer um exame da maneira como vivem os mestres, se suas vidas espelham seu ensino e refletem a vida do Reino.

A terceira imagem é uma comparação entre dois clamores: um clamor dos verdadeiros discípulos e outro clamor dos falsos discípulos (v.21-23). Neste ponto, Jesus não está olhando para os falsos mestres mas para os falsos discípulos e o critério não é a abundância de obras (v.22), mas a obediência a vontade do Pai Celestial. Embora alguns “discípulos” se apresentem mostrando um currículo cheio de boas obras, o veredito de Deus sobre eles é claro: “Afastai-vos de mim os que praticam a iniquidade” (v.23). O termo “iniquidade” no original grego é “*anomia*”, que significaria literalmente “sem lei, fora da lei, ilegal”. Neste sentido esta imagem conclui de forma maravilhosa o que Jesus afirmou no verso 19 do capítulo 5 e mostra que o critério para se discernir um falso discípulo não é a abundância de boas obras, mas o caráter moldado pela obediência a Jesus Cristo no discipulado, a obediência a ética expressa por Jesus no seu ensino.

Dessa forma, o sermão do monte demonstra uma unidade impecável e um final que traz a tona o sentido mais profundo e pleno do que significa a vida no Reino de Deus. Por fim, a última imagem é a de dois construtores (v.24-27). Jesus deixa claro que o mero assentimento intelectual as palavras do sermão do monte não produzem outra coisa senão uma aparência que não é sólida: o discípulo que parece maduro e experimentado por que conhece, por que compreende e é capaz de recitar os conceitos do sermão do monte mas que não os vive na prática, que não os aplica na vida diária. Esse discípulo, a despeito da aparente profundidade e solidez, revelará sua verdadeira consistência no dia da tribulação. As imagens da casa sobre a rocha e da casa sobre a areia nos convocam a nos deslocarmos da posição de ouvintes no final do sermão do monte para uma posição de praticantes da Palavra, aplicando-a no dia-a-dia.

A nota final do sermão do monte é de que as multidões estava maravilhadas com Jesus, pois seu ensino tinha autoridade, diferente do ensino dos escribas e fariseus (v.28,29). O termo “autoridade” (*exousia*) mostra que o ensino de Jesus continha poder, autoridade, procedência, coerência e a questão da autoridade de Jesus se torna cada vez mais importante a medida que o Evangelho progride (cf. 8:9; 9:6, 8; 10:1; 21:23–24, 27; 28:18).⁷ Jesus tem autoridade por que proclama em primeira pessoa a vontade de Deus.

⁵ CARSON, D. A.: Matthew. In: GAEBELEIN, F. E. (org.): *The Expositor's Bible Commentary: Matthew, Mark, Luke*. vol. 8. Grand Rapids, MI : Zondervan Publishing House, 1984, p. 186

⁶ CARSON, D. A.: Matthew. In: GAEBELEIN, F. E. (org.): *The Expositor's Bible Commentary: Matthew, Mark, Luke*. vol. 8. Grand Rapids, MI : Zondervan Publishing House, 1984, p. 188

⁷ CARSON, D. A.: Matthew. In: GAEBELEIN, F. E. (org.): *The Expositor's Bible Commentary: Matthew, Mark, Luke*. vol. 8. Grand Rapids, MI : Zondervan Publishing House, 1984, p. 195